

IDENTIDADE (...)

Vinícius Piedade

- Um ator entra no palco. Olha o público. Caminha pelo palco e pára no ponto da marcação de luz. Ele está tranquilo e seguro. E sente um misto de emoções, certamente ligadas as emoções do personagem da peça que ele vai representar. Respira fundo com técnica, mas na hora que vai dizer o texto que essa respiração técnica anunciou, nenhuma palavra sai de sua boca. E ele sabe que o problema não está na sua voz. Ele sabe que se quisesse falaria o que quisesse. E se pudesse, diria o texto decorado, ensaiado, preparado, emocionado. Porém, o texto simplesmente não vem. Ele tenta lembrar alguma coisa que lhe faça lembrar alguma coisa que lhe remeta alguma coisa da fala, do personagem, da peça, porém, vazio. Ele olha em volta pra ver se o cenário lhe dá um estalo. Porque o branco não é só da fala inicial da peça, é do seu personagem, que personagem é esse que faço? E mais que isso, o branco é da própria peça, que peça é essa? Só que o tal cenário não existe. Peça sem cenário. E como o palco vazio não lhe favorece, ele não pode fazer nada, a não ser amaldiçoar o cenógrafo pela opção do palco vazio que não lhe diz nada e por isso nada pode dizer, então, ele fica calado diante do público que parece esperar algo a mais dele, algo que ele não pode dar, porque nesse momento, a única coisa que esse cara tem é o seu branco... Preenchido de vazio. Ou o vazio preenchido de branco. Fica calado, como se um palco sem cenário e um ator sem fala fosse a proposta estética do espetáculo que por si deveria expressar o começo, o meio e o fim nesse acontecimento teatral.

É isso. Foi exatamente isso o que eu passei. Exatamente isso. Não... Não exatamente isso. É uma metáfora. Mas posso dizer que senti isso, exatamente isso. Esse vazio. Esse branco. Quem é que nunca sentiu isso? Eu usei essa metáfora do ator no palco vazio com seu branco porque realmente acho que tem tudo a ver com o que eu passei. Com o que passo. E é exatamente assim que começa essa história. Essa história começa com um vazio. Com um branco. Eu estava em frente a uma esteira de bagagem de aeroporto quando me veio uma questão simples, mas ao mesmo tempo devastadora. Qual questão? A questão: Qual é a minha mala? Qual é a minha mala? Qual é a minha mala? Qual é a minha mala?

Por eliminação fiquei com a mala que sobrou rolando solitária na esteira, uma mala preta moderna do estilo retrô. E foi quando arrastei essa mala em direção a placa que li ali SAÍDA que entendi que a questão “qual é a minha mala?” era uma questão menor diante da questão que se apresentou com a placa SAÍDA. Qual questão? A questão: Que lugar é esse? Tal como numa daquelas viagens de férias em que acordamos longe do quarto habitual e abrimos os olhos e não vemos o armário, a TV, a estante e o relógio piscando-piscando-piscando na mesa de cabeceira, na hora vem a questão “que lugar é esse?”. Um aeroporto me daria tanta referência de lugar como um palco vazio daria a um ator. Foi só quando cruzei a porta automática que entendi o absurdo da minha situação. Porque eu vi as pessoas esperando os seus na sala de desembarque e detectei alguns olhares levemente interrogativos do tipo “quem é esse?”, e percebi que essa questão não diferia em nada da minha própria questão, mas não sobre eles como seria natural, “quem são esses?”. Mas o agente da questão deles era exatamente o mesmo que o meu. “Quem é esse que eu sou?”. Logo apareceram algumas

peessoas pra me ajudar mostrando placas com nomes. Várias possibilidades. Essas pessoas queriam me ajudar ou me afundar ainda mais? Porque elas pareciam querer que eu fosse o ser da placa, claro, mais pra acabar com suas esperas do que pra me tirar desse limbo. Algumas placas com nomes bonitos eu fitava por mais tempo como se pudesse me tornar o ser da placa se me acreditasse ser o ser da placa, e o ser por trás da placa vendo o meu olhar insistente logo abaixava a placa, abria um sorriso e ameaçava pronunciar o nome que eu não sabia ser o meu, então eu desviava o olhar e buscava refúgio em outra placa de olhar convidativo. Mas o que me convocou de fato foi o cara que apareceu do nada e me disse sem titubear “quer táxi?”. Na hora eu pensei é isso que eu preciso! É isso o que eu quero, quero um táxi. Me imaginei, inclusive, dentro do táxi dizendo ao motorista “vai reto por aqui, isso, reto por aqui, vai reto toda vida! E quando digo toda vida, não uso metáfora, é sério, vai reto toda vida!”. Mas antes que eu pudesse fazê-lo, apareceu um outro cara, esse de bigode, óculos, sorriso, pança e uma placa na mão escrito ROGÉRIO MARQUES me apontou e disse “Rogério Marques, né?”. Eu surpreso simplesmente respondi “O que?” e ele repetiu “Rogério Marques, né?!”. Só que esse “né” interrogativo dele, tinha um Q de exclamação e isso foi o suficiente pra eu me acreditar “Rogério Marques! Né?!”.

Já no carro em alta velocidade pelas ruas de uma cidade qualquer eu me perguntava “mas que cidade é essa? Que cidade é essa?” Me perguntava também se eu não estaria roubando o destino do verdadeiro Rogério Marques que nesse momento estaria no aeroporto procurando a plaquinha que assaltei. Me perguntava também se eu não estaria furtando seu passado. Raptando sua personalidade. Sequestrando seus sonhos. Despojando sua mulher e tomando seus filhos. Arrebatando uma vida. Mas, embebido desse espírito pirata, bati a carteira do meu próprio bolso e vi através dos documentos que coincidentemente ou não, eu era, eu sou, de fato, Rogério Marques. Só que, segundo os documentos, Oliveira. Rogério Marques Oliveira. E pra falar a verdade, saber-me Oliveira me deu até um certo alívio, já que a partir daquele momento eu saberia mais de mim do que o motorista que só me sabia Rogério Marques. Deu até vontade de dizer “olha só, eu sou Rogério Marques Oliveira, viu?”, pra exibir meu auto-conhecimento. E como num estalar de dedos tudo foi voltando. Ao menos na hora, eu pensei que tudo estava voltando, principalmente porque a primeira coisa que me lembrei de fato foram minhas senhas. Essas certamente dariam muitas pistas para minha auto-investigação. São tantas senhas, agência 0311 conta corrente 50.333 dígito 2 senha 011512, dias dos aniversários da minha mãe, do meu pai e do meu irmão nessa ordem. E-mail rogeriomarques@hotmail.com senha 121501 inverte a ordem, aniversário do irmão, pai e mãe, tal como a senha do cartão de crédito, do outro cartão e do cartão da outra bandeira também. No caso das redes sociais F, T e L, a senha é 151201, pai, irmão e mãe. Fui lembrando senha por senha, a senha da senha, a senha pra recuperar a senha esquecida, a senha esquecida que foi trocada, a senha trocada que foi esquecida, a senha pirateada substituída, a senha blindada que foi hackeada, a senha do sistema da empresa, do sistema da diretoria da empresa, do alarme da casa da praia, do net, do not e do cel, lembrei da minha senha pra acordar e pra dormir, lembrei da senha pra nascer, senha pra crescer e senha até pra morrer, no caso as minhas, todas derivadas das datas de aniversário do meu pai, da minha mãe e do meu irmão.

Lembrar as senhas me deu um certo alívio, afinal, quem és tu sem as suas senhas nos dias de hoje? Mas essa amnésia repentina me lançou num estado de estranheza. Confusão. Eu reconhecia a cidade em que estava pelos viadutos, monumentos e praças, mas não sabia o nome da cidade. E estalando os dedos eu consegui lembrar de outras coisas. Lembrei, por exemplo, que estava naquela cidade para uma reunião com uma grande empresa de sabão em pó na qual eu propunha uma nova campanha publicitária chamada “IDENTIDADE”, claro, lembrei. A cada novo estalo de dedos, uma nova lembrança, claro, lembrei! Eu estava realmente perturbado. Chegando aqui no hotel, o ambiente agora é esse, um quarto de hotel nessa cidade sem nome, coloquei essa mala preta no chão ainda me perguntando se de fato ela me pertencia ou se teria alguém neste momento no aeroporto xingando os funcionários da companhia aérea pela mala extraviada. Eu me despi com pressa, como se a nudez me ajudasse a encontrar minha essência e comecei a me perguntar, o que está acontecendo comigo? O que foi isso que aconteceu comigo hoje no aeroporto? Meu Deus, o que foi aquilo? O que está acontecendo com minha cabeça? O que está acontecendo? Eu só teria reunião no dia seguinte, ou seja, eu tive muito tempo pra não fazer nada e nada fiz. Simplesmente fiquei com as mãos na cabeça me perguntando, o que está acontecendo comigo? Eu ainda vivia o coração acelerado que sucede o susto e ele não queria parar de bater em alta velocidade, e minhas mãos na cabeça e eu me perguntando, o que é isso que está acontecendo? Por mais que num estalar de dedos eu pudesse lembrar e dizer quem é esse que sou, a questão que me veio no aeroporto, esse que sou eu quem é?, martelava as minhas idéias. Quem é esse que sou? Quem? Quem? Rogério Marques. Sou Rogério Marques. Oliveira. Rogério Marques Oliveira. Tenho trinta e sete anos. Signo: gêmeos. Ascendente: libra. Um metro e setenta e oito de altura. Peso: setenta e seis quilos. Olhos castanhos. Cabelos castanhos, embora já comecem a rarear, tenho duas grandes entradas. Mesmo assim continuam castanhos. Barba por fazer quase sempre, mas não a ponto de me parecer um desempregado deprimido e sim a ponto de poderem me classificar como “despojado”. E isso pra minha profissão é bom. Sou publicitário. Publicitários são pessoas despojadas. Que deixam a barba por fazer pra parecerem despojados. Não que eu deixe a barba por fazer pra parecer o que sou, despojado. Não faço a barba diariamente porque me irrita a pele e pele irritada é irritante. Mas sou, com ou sem barba por fazer, um publicitário despojado. Premiado. Faço as pessoas acreditarem em coisas às vezes inacreditáveis. Forjo necessidades e invento prioridades. Saindo do campo profissional e entrando no campo pessoal, a coisa que mais gosto é viajar. De férias, não a trabalho. Viagem a trabalho me cansa e muito. Me deixa confuso. Não sou religioso, mas também não xingo os deuses. Não sou vegetariano, mas evito carne todos os dias. RG: 30.409.490-4. Visto para os Estados Unidos vencido esse mês. Preciso renovar, preciso anotar isso na minha agenda, aliás, cadê a minha agenda? Estou com doze pontos na carteira de motorista por excesso de velocidade. Fora os pontos que passei para a carteira da minha tia. Taí uma coisa que adoro. Velocidade. Ir reto toda a vida. Eu sou brasileiro. Latino-americano. Terráqueo. Paulista, paulistano. Corintiano, graças a Deus. Não sou casado oficialmente, mas moro junto com Raquel, com quem tenho Michele, de quatro anos. Tenho opiniões políticas claras, embora confusas. Confusas, mas pra mim, no fundo, claras. E gosto de rock. O ano inteiro. Samba gosto no carnaval. Ópera, no inverno. E na primavera, latinidades. E etc. E tal.

Em resumo é isso. Esse é o meu personagem. O personagem que represento no palco da vida. Vida real. Ou seja, esse é o ser que eu me tornei. Ou o que a vida me tornou. O que me tornei na vida. Embora nesse momento desordenado. Embaralhado. Transtornado. Depois do branco no aeroporto, com crateras na memória. Confuso a ponto de ainda não ter certeza se a minha mala é a minha mala. Reviro essa minha mala e reconheço uma gravata, mas desconheço uma cueca. Reconheço uma meia, mas desconheço uma calça. Reconheço o perfume, mas desconheço o shampoo. Reconheço a escova de dente, mas desconheço o alicate de unhas. Confuso a ponto de lembrar bem qual é o meu time do coração, todos os seus títulos e glórias, mas não lembrar do dia no nascimento da minha filha. Eu não lembro do dia do aniversário dela, da minha filha! E se por um lado eu lembro como foi o meu primeiro contato com a neve, por outro, eu não lembro da minha rotina de vida. Minha rotina da semana. Eu não lembro! Ainda bem que eu tenho uma agenda, aliás, cadê ela? Ainda bem também que eu lembro bem que eu tenho uma secretária que eu lembro bem como ela trabalha bem, embora eu não lembre bem o seu nome. Ao menos eu lembro o meu. Que é Rogério Marques. Oliveira. Rogério Marques Oliveira. Rogério Marques Oliveira. E eu deito e durmo repetindo Rogério Marques Oliveira na esperança de esquecer o esquecido, mas ao acordar, na hora eu lembro do branco e o coração acelera e as mãos suam. E eu? Eu continuo. O que mais que eu posso fazer? Eu finjo ser o mesmo de sempre, mesmo sem ter certeza como sempre fui. Finjo ser o mesmo Rogério Marques Oliveira de anteontem. Estalo os dedos e consigo dissimular uma segurança, uma personalidade, uma identidade. Estalo os dedos e me vejo na sala de reuniões da grande empresa de sabão em pó. Identidade é o nome da campanha, claro, lembrei. Estalo os dedos e consigo lembrar a ideia inteira da campanha que criei antes de ter a minha própria identidade posta em xeque. E agora através da campanha identidade eu busco um cheque. Estou na cabeceira da cumprida mesa, a diretoria toda está a minha volta. Eu estalo os dedos e digo, você é o que você come? Você é o que você come? Você é o que você come! Você é o que consome. Não vivemos mais a era do cidadão. Estamos na era do consumidor. Democracia não é votar, é poder escolher produtos pra comprar e o ideal é que esses produtos tenham a ver com você, com a sua identidade. Quando um cidadão, digo, um consumidor, escolhe um produto X ou Y, ele está fazendo uma escolha de vida. A afirmação de uma personalidade. A escolha de produtos é a fundação da sua identidade! Em resumo, essa é a ideia da campanha. Afirmar a importância dos produtos para a formação do consumidor dos dias de hoje. O que acharam? Palmas. Contrato assinado. Um grande contrato. Fiquei feliz. Tanto que, ainda na empresa, porém no banheiro, quando me vi sozinho, eu disse “yes!”. Mijei e foi no momento em que lavava as mãos que de relance me vi no espelho e não me reconheci. Tomei o susto de quem se depara com um estranho te olhando num momento de intimidade. E como quem quer agredir o intruso que te privou da privacidade da privada, eu disse, sem dizer, só no olhar, espero que essa empresa tenha um sabão em pó neutro, porque somente um sabão em pó neutro pra você afirmar a sua identidade.

Voltei pra cidade que parecia ser a minha juntando os cacos da minha vida. Meu quebra cabeça reality. Deslocado no tempo e no espaço. Me sentindo um personagem da vida real. Só que mal ensaiado, sem o texto decorado, sem saber minha marcação, sem nem mesmo saber o que fazer com a minha mão. Me sentindo desconfortável no meu próprio corpo. Como é que

alguém em sã consciência, meu Deus do céu, pode se sentir desconfortável no próprio corpo? Me senti desconfortável na minha própria casa. Um estranho no meu ninho. Aqui na varanda do meu apartamento moderno, estilo retro, eu digo aos ventos, as músicas me remetem a emoções de lembranças que eu não lembro. Tal como cheiros que me remetem a cheiros já sentidos e eu pergunto: quando, onde? Os gostos que sinto na boca me remetem a tantos gostos já sentidos quando, onde, do quê? Os toques que sinto na minha pele-carne-ossos-alma me remetem a outros toques: por quem? Identidade difusa. Rosto coberto e voz adulterada. Tal como essas pessoas que dão entrevista pra televisão e não podem ser identificadas, rosto coberto e voz adulterada.

Falei tudo isso para o meu médico. Falei também do coração acelerado e da memória fragmentada. Ele me pediu uma série de exames e quando me sentei na sua frente, me sentia num tribunal pronto pra ouvir do juiz a minha sentença, que poderia ser a pena de morte. E o juiz, digo, o médico, parecia se divertir com o poder que tinha sobre o meu destino. Ele analisava com calma os exames e me olhava vez em quando com cara de personagem mafioso italiano em filme americano. Acho que, se não fosse anti-ético um médico acender um cigarro, ele o faria e só me daria a resposta já sabida na quinta tragada. Já com os exames na mesa, me olhando nos olhos, ele estalou os cinco dedos da mão direita e me disse em seguida, você está com estresse! Estresse? Só isso? Achei que fosse coisa mais séria! Claro que eu não estava decepcionado com o veredicto, eu só esperava que não fosse coisa da minha cabeça e sim algo visível num Raio X. Mas ele tentando valorizar o seu trabalho, esclareceu que estresse é coisa séria! Morre-se de estresse. Você corre risco de AVC. Repouso era o meu remédio. Uma dose de férias por dia durante pelo menos trinta dias. Férias na veia. Ou via oral. Supositório de férias. Isso ele não falou, mas eu subentendi. Férias era a minha receita assinada com letra legível. Nesse momento, impossível, doutor! Eu acabo de assinar contrato com uma grande empresa de sabão em pó, provavelmente a mesmo que o senhor usa pra deixar esse jaleco branco, tão branco. E é campanha grande, não posso parar nesse momento. Identidade é o nome da campanha. Não tem outro remédio pra me oferecer, algo que me faça simplesmente esquecer o que eu esqueci? Eu disse isso num desabafo, como quem confunde neurologista com psiquiatra, clínico geral com psicólogo. Disse mais. Disse, doutor, eu sempre tive esse ritmo de vida, não é possível que agora eu vá ter problema. Eu sempre vivi assim, em alta velocidade, reto toda vida. Reto, mesmo sem olhar exatamente pra onde ia. Pra onde me levava essa estrada. Ou pra onde me trazia. Reto toda a vida. Estou confuso. Até o médico fica confuso. E eu me pergunto, será que todos a minha volta estão confusos?

Raquel foi a pessoa que mais se afetou com a minha confusão, ficando também confusa, provando que confusão é tal como gripe, se pega no ar. Mudamos de ambiente. Voltamos pro meu apartamento. Madrugada. Tipo três e meia. Apenas um abajur aceso. Estou debruçado sobre os móveis e objetos tentando identificá-los. Cada coisa, uma história, um contexto, um tempo. Um quando, um como, um onde. Um porquê. Será que li aqueles livros? Quando tiramos aquele retrato? Quem escolheu esse sofá, tapete, lustre? Raquel aparece na sala de

camiseta e calcinha e se assusta com a bagunça. Porque eu olhava cada objeto e ansioso ao constató-lo sem origem, jogava-o longe em busca de outro que eu pudesse fazer a sua genealogia. Raquel me pergunta, o que está acontecendo. Até então eu havia falado do estresse, mas não da amnésia. Então digo, Raquel, olha essa sala. A bagunça. A desordem, o caos. É como me sinto. É a imagem da minha cabeça. Tudo fora do lugar. O meu choro convulsivo veio do medo disso ser apenas o começo do meu abismo, como se eu me visse de cima caindo, e ainda pudesse acenar para esse meu duplo em apuros, caindo, caindo. O choro convulsivo de Raquel veio quando ela me perguntou se ao menos eu me lembrava como havíamos nos conhecido. Só fui acertar na terceira tentativa. As duas primeiras foram histórias bonitas, porém, de outros amores.

Próximo ato. Próximo capítulo. Próximo episódio. Algum tempo depois. Não há grandes mudanças. A não ser de estação. Estávamos no verão e agora estamos no inverno. Ou então estávamos na primavera e agora estamos no outono. E eu toco a minha vida. O que mais eu posso fazer a não ser tentar assumir a vida que foi minha até então? Então, tento descobrir minha rotina e assumo-a. Isso não é difícil, repetir caminhos, hábitos e horários. Difícil é preencher o invisível. Agora o ambiente é o meu escritório moderno estilo retrô. Estou aqui trabalhando ou ao menos tentando, porque efetivamente nada faço. Tento criar as propagandas da campanha IDENTIDADE que eu inventei, mas nada crio, nada copio. Vazio. Depois do tempo extrapolado, um novo contrato com novos prazos. E a cada novo prazo mais a agonia se perpetua. Agora talvez seja inferno astral. Mas já me sugeriram depressão. Ou talvez seja essa a minha primeira crise criativa. Mas o medo é de ser coisa mais séria, como se a amnésia repentina tivesse levado pra sempre meu senso de criação, tal como fez com o meu tique nervoso. O ideal seria recorrer aos meus métodos de criação tão bem sucedidos, mas onde foi que eu escrevi os tais procedimentos? Não escrevi porque julguei que tais informações sigilosas, tal como segredo de estado, deveriam ser guardadas de maneira especial. Por isso preferi guardar no baú da minha memória achando que tal chave jamais se perderia. No entanto, eu me pergunto, cadê o publicitário premiado que estava até pouco tempo atrás aqui, nesse mesmo escritório criando campanhas incríveis? É como se eu estivesse no lugar certo, na hora certa, mas com a pessoa errada. E a pessoa errado sou eu. Cadê o cara que aqui vivia a plenitude da sua profissão? Eu olho uma estante cheia de troféus e me pergunto, cadê o cara que ganhou todos esses troféus? Fico aqui olhando e contabilizando inconscientemente. Um, dois, três, quatro... Vejo ali. O melhor publicitário do bairro. O melhor publicitário da semana. O melhor publicitário da cidade-estado-país. Melhor do mês-ano-década. Ali, troféus exibidos. Do outro lado da sala vejo em uma pequena mesa uma pilha de revistas. Pilha grande. São revistas semanais ou mensais, de fofoca ou política. Em comum elas tem apenas uma coisa. É só olhar e constatar que na capa de todas, está uma mesma pessoa. Quem é a pessoa das fotos? Rogério Marques Oliveira. Uma foto de braços abertos, outra de sorriso feliz, feliz, outra foto tirada em uma ilha, outra em um castelo, outra fazendo cooper na praia, outra sentado nessa cadeira, a cadeira do meu escritório. Lembro bem que o produtor da revista disse que queria uma foto no meu local de trabalho, meu ateliê de criações geniais. Isso ele falou, só estou reproduzindo o que ouvi, disso eu lembro. Cadê o cara que nessa cadeira criou campanhas publicitárias que emocionaram a família brasileira?

Que fizeram rir, chorar e até pensar. Não, pensar não, estou exagerando. Cadê o cara que criava propaganda de cerveja e fazia todos que não brindavam com tal marca sentirem-se fora da alegria de viver a vida, moças sambando e caras sorrindo; bundas e bíceps, mechas e quadríceps. Que criava propaganda de remédio e sabia que o índice de vendas do remédio subiria e muito, tal como em epidemia. Que emocionava tantos com propaganda de banco nos intervalos da novela, emocionando mais até do que as próprias novelas, com narradores e imagens criando a poética ilusão da boa intenção dos bancos ao te corroer a alma e os bolsos com juros assassinos. Que fazia as crianças desejarem o que quer que fosse, de comer ou de brincar, com toda força dos seus berros e choros tão propícios pra mobilizar os pais a abrirem as carteiras. Que vendia um empreendimento imobiliário com apenas uma campanha, garantindo que se a felicidade existe era lá que ela morava. Cadê esse cara? Esse cara está em Estado de Emergência. Calamidade Pública. Estado de Sítio. E deve ser isolado. Porque representa um perigo. Não para os outros, mas pra si. A decisão de me isolar em quarentena está tomada. Digo aos meus sócios, preciso de um tempo pra definição da identidade. Eles pensam que eu falo da campanha IDENTIDADE e consentem. Ao menos eu não minto. E quando o domingo chega, aviso minha família da minha decisão de sumir por uns tempos.

O ambiente é esse. Casa dos meus pais. O dia é domingo. Típico almoço de domingo na casa dos pais, sabe como é? Casa cheia. A televisão está alta e o apresentador dissimula alegria. As crianças brincam. Minha filha e meus sobrinhos. Raquel está ali conversando com a minha mãe e com a Bárbara, mulher do meu irmão. Meu irmão está ali tentando ensinar meu pai a mexer no computador pela milésima vez. Eu já desisti de tentar ensiná-lo, por isso estou aqui sentado no sofá de frente pra TV, porém, olhando a janela. A tarde está fresca e o vento balança as árvores. O cheiro é o de frango assado com bacon e minha mãe diz que é meu prato preferido. Eu pergunto, tem certeza mãe? Frango com bacon? Ela sorri, achando que faço piada. Inspirado pela proximidade dos meus pais, na casa onde cresci, tento lembrar de coisas da infância. Apenas fragmentos disformes. Tento me ater a esses fragmentos, mas eles têm a consistência das nuvens, quanto mais perto eu chego, mais se dissolvem. Ou a consistência dos sonhos, quanto mais tento lembrar, mais me esqueço. Se em um estalar de dedos algumas lembranças concretas se fizessem, eu desistiria dos tempos de isolamento. Mas meus dedos não estalam, então eu digo alto, não pra fazer alarde, mas pra superar o volume da TV com o apresentador feliz, eu digo, pai, mãe, aqui nessa casa onde eu cresci, nesse momento me sinto um estranho. O tal do estresse que falei está me gerando uma certa amnésia. Preciso recuperar o que me resta. Preciso de um tempo pra isso. Pra redescobri-me. Vou me ausentar por uns tempos. Espero que me entendam. E que não se preocupem. Preciso sair da minha própria casa por uns tempos. Espero que me entenda, Raquel. Espero que não pense que é algo contigo e por mais que isso seja um chavão, eu tenho que te dizer que o problema está comigo. Preciso fazer algo enquanto tenho sobriedade mental pra tomar alguma decisão. Enquanto ainda sei que devo parar meu carro no farol vermelho. Enquanto vocês não têm que decidir por mim onde devo fazer as minhas necessidades fisiológicas. Até as crianças que brincavam, ao ouvir meu tom de voz sério se calaram achando que era bronca e ao final, mesmo sem entender, choraram pressentindo castigo. O meu abraço em Raquel marcou uma despedida dolorida.

E mudamos de tempo e espaço. O ambiente agora é minha casa temporária, um hotel, perfeito pra minha condição provisória de vida. Aqui nada é meu. A não ser a mala preta que trago, porém ainda sem sentir-me totalmente dono dela. É nesse quarto de hotel moderno estilo retrô que moro provisoriamente. Passo um longo tempo apático, deitado na cama, pelado, sem fazer a barba, sem tomar banho, sem levantar pra comer, sem levantar nem mesmo pra ir ao banheiro. Fico tentando organizar a cronologia de alguns acontecimentos que consigo recuperar, mas começo a me perguntar se são reais. Até por isso me sinto no começo da loucura. Estou louco! Mas o fato de saber-me no começo da loucura, me afasta dessa loucura. Louco que é louco não sabe que é louco. E eu sei que sou louco, então não estou louco. Aí acontece o estalo. Tal como no estalo que me fez recuperar na memória as minhas senhas ou a ideia da campanha pra empresa de sabão em pó. Agora consigo lembrar dos amigos inseparáveis que tive na adolescência. Esse estalo é como respiração boca-a-boca ou massagem cardíaca. Me levanto depois de sei lá quanto tempo e mais vivo do que nunca, mesmo com sensação de morte na boca e nos ossos, percebo que essa lembrança me leva pra outras e de repente eu tenho na minha frente a tela da minha pré-adolescência pintada, justamente a fase do começo da definição da identidade. Lembro dos meus cinco amigos inseparáveis. Tantas histórias... Mas quando a alegria começa a me gerar arrepios, meu coração volta a acelerar, as mãos voltam a suar e um medo corrosivo me domina. O medo disso tudo ser apenas ilusão da minha imaginação. Será que minha mente premiada de publicitário está concebendo um novo passado por falta de um real? Será que minhas lembranças são feitas da mesma matéria das propagandas de carro? Aí eu tomo a decisão que me coloca novamente nos trilhos rumo ao passado. Essa decisão me anima tanto que faço a barba. Tomo banho. Me alimento. A decisão é ir ao encontro desses amigos inseparáveis pra saber se o que lembro de fato aconteceu. O quanto antes, irei ao encontro do Espuleta, do Marquinhos, do Tatu, do Potí e do Batata.

A decisão me dá um ânimo tão grande, que antes mesmo de ir ao encontro dos amigos, passo na agência e consigo criar a primeira propaganda da campanha IDENTIDADE. Digo pra toda equipe, eu quero a opinião de vocês! Um maluco foge do hospício. Na fuga, ele se depara com um supermercado. Na porta, ele grita, sou Napoleão Bonaparte e vou conquistar esse lugar. A câmera subjetiva acompanha-o derrubando tudo. Cortamos para câmera objetiva com os médicos entrando no lugar e perseguindo-o. Mas ele não corre mais quando o pegam. Ele está parado de frente para uma prateleira. Os médicos não percebem e colocam nele a camisa de força. Eis a questão, pra onde ele está olhando? O que ele está vendo? O telespectador já percebeu. O que ele está olhando? A caixa de sabão em pó. O nosso sabão em pó. O sabão em pó que ele sempre usou o fez lembrar quem ele é. Ele não tem mais um olhar napoleônico. Os médicos não percebem, mas certamente o telespectador perceberá. Corta pra IDENTIDADE na diagonal e a marca do sabão em pó na horizontal. O que acharam? Não sei se vai ficar claro. Mas a ideia é trazer a importância de uma marca de sabão em pó para a construção da subjetividade do ser. Concordam?

Ansioso pra reencontrar os amigos de mais de vinte anos, vou as redes sociais tentar localizá-los. Vinte anos depois. VINTE ANOS DEPOIS poderia ser o sub-título dessa minha história. Eu poderia roubar de Dumas que escreveu o livro VINTE ANOS DEPOIS contando a história dos Três Mosqueteiros vinte anos depois, quando eles estão envelhecidos e separados por diferentes ideais políticos. Ou então o sub-título poderia ser VOCÊ É O QUE VOCÊ COME. Ou então TORNA-TE QUEM TU ÉS. Mas são tantos possíveis sub-títulos, que o ideal seria colocar entre parênteses, reticências. Claro que nas redes sociais eu não os encontro devido ao grande número de Potís, Tatus e Espuletas. Mas em outro estalo eu lembro que a minha mãe sempre foi amiga da mãe do Espuleta. Foi assim que consegui localizar o primeiro dos cinco amigos que eu iria reencontrar.

A caminho do meu encontro com Espuleta vinte anos depois, caía uma chuva forte, verdadeira tempestade que me fazia reduzir a velocidade aliando prudência e paciência. E isso era bom, porque eu precisava organizar as minhas idéias até pra saber o que dizer pra Espuleta que certamente acharia esquisita essa minha aparição repentina. Em resumo, eu precisava resumir as minhas questões complexas e complexadas. O ideal seria fazer uma acareação, mas como seria difícil unir agendas de pessoas que se tornaram certamente tão distintas, eu decidi falar com todos sobre a mesma questão. Sobre um dia específico. Um dia emblemático e inesquecível. O dia em que fomos a zona. E o dia foi inesquecível não por ter sido bom. Pelo contrário. Deu tudo errado. E mesmo a ideia de irmos a zona, que foi do Tatu, surgiu num momento nada propício. O tio do Marquinhos, que era como se fosse pai já que pai ele nunca teve, tinha morrido. Todos havíamos ido ao velório. E foi terrível. Terrível porque o Marquinhos num determinado momento abraçou tão forte o cadáver do tio que este suspirou. Claro, o ar restante no corpo com a pressão acabou saindo dessa forma. Mas vai explicar isso pra cinco moleques. Saímos gritando que o morto estava vivo. E pra convencer o Marquinhos a aceitar o enterro do tio foi um parto. Estávamos arrasados. E foi nesse contexto que o Tatu teve a ideia, meio que pra tentar animar o Marquinhos. Disse, vamos a zona? Nunca tínhamos ido. Mas não admitíamos isso pra esses amigos. Pelo contrário. Eu mesmo dizia, vou sempre, tenho muita experiência com as mulheres. Virgem! Então quando Tatu deu a ideia, por medo de mostrarmos o medo, acabamos topando. Mas, no caminho, todos desistimos. Um por um, um de cada vez. Deu tudo errado. Mas esse dia foi marcante. Não foi? Aliás, o primeiro a desistir foi justamente o Espuleta, que aliás, era o primeiro a desistir de tudo.

Espuleta, que naturalmente não era mais Espuleta. Agora, Paulo Prates, vice-presidente de uma multinacional. Foi difícil falar com ele. E quando consegui e ele se lembrou de mim, foi logo me perguntando se eu estava precisando de alguma coisa, alguma ajuda. Eu disse, não, eu só gostaria de conversar com você. Ele me disse, claro, marque horário com a minha secretária e a secretária só conseguiu um almoço duas semanas depois, não sem antes esclarecer que era um almoço rápido. Não mais do que eu precisava. Duas semanas depois, olha eu aqui no restaurante chic de frente para o Espu... Paulo Prates. O primeiro assunto foi sobre a chuva

que caia lá fora. Depois falamos sobre a crise financeira. Aí o telefone dele tocou. E quando ele desligou tocou de novo e de novo. Aí ele me pediu um momento e fez uma ligação. E foi só quando o prato principal chegou que pudemos conversar um pouco. Paulo Prates perguntou novamente se eu estava precisando de alguma coisa, alguma ajuda. Dessa vez fiquei ofendido, mas abstrai, engoli o orgulho e tentando ser amigável eu disse, sabia que eu já criei uma campanha publicitária pra sua empresa? Aquela da família na mesa de jantar em que a empregada serve o frango e todos sorriem e a dona da casa diz “esse frango faz parte da nossa família”. Ele me respondeu que não via televisão. E novamente atendeu o celular. Na sobremesa, ele com a boca cheia de mousse de maracujá, fez o gesto pedindo a conta para o garçom esclarecendo que não teria tempo nem para o café. Só que eu, com a boca suja de mousse de chocolate, disse repentinamente antes que ele se levantasse, Paulo Prates, posso te chamar de Espuleta? Ele me disse, claro que não. Ok, Paulo Prates. É que preciso falar sobre coisas da nossa adolescência. Sei que somos jovem pra isso, mas estou com problemas de memória. Gostaria de confirmar, você lembra do dia em que o tio do Marquinhos morreu e ressuscitou? Ele me olhou como se estivesse olhando um maluco, então não devia ter lembrado. Eu esclareci, na verdade ele não ressuscitou. Foi emissão do ar pela pressão do Marquinhos no abraço. Foi no mesmo dia em que fomos à zona. Você lembra que fomos à zona? Ele não lembrou. E eu tentei detalhar aproveitando minha memória que parecia melhor que nunca, você desistiu de ir, foi o primeiro a desistir, como sempre. E eu me lembro que você me segredou que não iria porque naquele dia você estava com a pedra. Tenta lembrar! Lembra da pedra? Você usava uma pedra amarrada num barbante... Amarrada aonde pra fazer crescer? Lembra disso? Você havia lido sobre esse método em algum lugar e estava experimentando... Lembra? Não lembra. Espuleta, eu já ia te perguntar se a pedra deu algum resultado! Claro que fui agressivo. Mas é que ele não parecia se interessar em lembrar de nada. Até por isso ele se levantou, vestiu o blazer e foi embora marchando. E eu não fiquei puto com o fato dele ir embora deixando a conta pra eu pagar. Fiquei puto por não saber se ele não se lembrava dessas coisas ou se não tinha tempo pra lembrar. Ele certamente não era a pessoa certa pra confirmar ou não minha memória. Ou minha loucura.

O que me aliviou desse encontro frustrante com Espuleta foi a possibilidade do reencontro com outro desses amigos. Veja só que coincidência, na espera pelo encontro com Espuleta, numa das madrugadas de solidão no hotel, já lamentando a saudade de Raquel, zapeando na televisão, me deparei com um desses programas religiosos. E pra minha surpresa, veja que coisa, reconheci um dos pastores mais convincentes. Pastor Mendonça. Que em outros tempos era conhecido simplesmente como Batata. Pra minha sorte, na tela aparecia o local e horário dos cultos do Pastor Mendonça. Dois dias depois do frustrante encontro com Espuleta, olha eu aqui no fundo da igreja assistindo entusiasmado o culto. Como era convincente o Batata. Dava gosto ver esse amigo de velhos tempos indo tão bem naquilo que se propunha. Na verdade, ele sempre foi muito convincente. Na época de escola os ETs eram o seu mote. Ele se dizia ufólogo. Estudava tudo sobre os ETs. Aprendeu inglês na marra porque a literatura sobre ETs era muito mais ampla na língua inglesa. E nos convenceu das suas teorias. Se até hoje eu acredito em ETs, e eu acredito, isso se deve ao convencimento do Batata, hoje Pastor Mendonça, não menos convincente com o livro preto na mão. Ao final do culto, uma pequena

multidão ficou esperando o Pastor pra uma palavra ou uma bênção e eu fiquei por último esperando a minha vez e quando ela chegou, antes que ele pudesse me abençoar eu disse, e aí Batata, como você tá? Ele parecia ter visto o capeta! Mas olhando bem, acabou por me reconhecer e me deu um abraço apertado. Depois do encontro superficial com Espuleta, foi bom ter essa receptividade. Aí ele me disse, que bom que você se converteu irmão! Não, na verdade eu não me converti, Pastor. Eu gostaria de conversar com você. Ele disse, claro, vamos sentar. Mas antes que eu pudesse falar qualquer coisa, o Pastor Mendonça me deu seu testemunho. Um longo testemunho. Uma história bonita. Aí me perguntou, você está pronto pra aceitar a palavra? Eu disse, na verdade eu gostaria de falar contigo sobre coisas do passado. Ando com problemas com o passado. Ele me garantiu que depois do batismo eu não teria mais problemas com o passado. Eu esqueceria o passado de pecados. Esse é o problema, eu disse. Eu já esqueci! Isso não é problema, é solução, ele disse. Pastor eu preciso ter referência do que eu fui pra voltar a ser quem eu sou. Até pra me perdoar dos meus pecados, se for o caso. Eu preciso saber quais foram os pecados. Porque eles fazem parte do que eu me tornei. Do que eu vivi. Gostaria de te perguntar se você lembra de um dia específico. Você lembra do dia em que o tio do Marquinhos morreu e ressuscitou? O Pastor disse que preferia falar sobre a ressurreição de outra pessoa. Só preciso saber se você lembra, se isso de fato aconteceu. Foi no mesmo dia em que fomos... lembra onde fomos nesse dia? Foi no mesmo dia em que fomos a zona. Mas calma, Pastor, você desistiu de ir, não cometeu esse pecado, aliás, todos desistimos. Eu lembro que o Potí te sacaneou quando você desistiu, lembra disso? Ele era o único que não acreditava no lance dos ETs e ficou te perguntando se você preferia ficar com os ETs do que com as mulheres nuas. Você gritava que éramos moleques babacas e Potí ficava te chamando de ET. Lembra disso, Pastor Batata? Não lembra? Não lembra nem dos ETs, Batata? Puxa, achei que fossem experiências inesquecíveis. Você chegou a admitir pra mim ter sido abduzido. Disse ter tido relações sexuais com um ET. Um ET fêmea, você esclareceu no dia. Nem disso você se lembra? O Pastor apontou pra porta e me disse, sai... desse corpo que não te pertence. E eu fui. No caminho pra rua ainda ouvi Batata dizer que quando meu coração estivesse aberto pra Cristo, as portas daquele lugar estariam abertas pra mim. Obrigado.

Na rua, noite sem lua. Sensação de derrota e solidão. Peguei o telefone e liguei pra Raquel como quem busca redenção, salvação... Mas ela mal ouviu minha respiração e foi logo perguntando se depois de reencontrar os amigos, eu iria em busca das mulheres que já havia amado pra saber se elas se lembravam das histórias vividas. E desligou antes do meu não.

Voltei para o hotel e sem ter mais o que fazer, criei outra propaganda da campanha IDENTIDADE (...). Três amigos de infância se reencontram vinte anos depois. São só trinta segundos, então os flashbacks são meteóricos. Voltamos para o hoje e eles percebem que se tornaram pessoas muito diferentes. Sem nada em comum. Corta. Tela se divide em três, três fotografias diferentes. Cada um em seu respectivo lar. Close neles. De fundo, uma imagem. Bem de fundo, como numa mensagem subliminar. O que aparece de fundo? A caixa de sabão

em pó. No fundo e na essência, algo ainda os identifica. Corta pra IDENTIDADE na diagonal e a marca do sabão em pó na horizontal. Quero opinião, que tal?

Claro que pensei em acabar com essa busca louca sobre minha sanidade. Mas algo me fez continuar. Talvez por ensinamentos não esquecidos do meu pai. Ele sempre me dizia, vá até o fim. Vá até o fim. E indo até o fim, me deparei com o fim do Potí. Foi a mãe dele que me disse por telefone que ele ainda jovem, aos vinte e um anos, sofreu um acidente de carro. Como eu nunca fiquei sabendo disso? Mesmo sem saber bem o que estava fazendo, peguei o endereço do cemitério e fui levar flores. Esse foi meu reencontro com Potí. Que certamente se lembraria daquele fatídico dia, porque pra ele foi uma despedida. Ele havia sido expulso da escola naquela mesma semana. Foi expulso por causa de todas as suas mentiras. Ele era um bom mentiroso, aquele que acredita nas próprias histórias. Daria um bom publicitário. Ele nunca estudava para as provas, mas tentava ir bem inventando respostas. Vez em quando dava certo. Charles Beatman era um nome que ele havia inventado e que ele sempre usava. Nas provas de história dizia que o novo mundo não existiria sem Charles Beatman. Nas provas de português falava de Charles Beatman como poeta parnasiano. Charles Beatman era tudo, jesuíta, inventor, astronauta, geógrafo, matemático. Rimos até não poder mais, quando um professor desavisado de tanto ouvir falar em Charles Beatman, citou Charles Beatman no meio de uma aula. Claro que confundiu com outro nome. Potí e suas mentiras. Na ocasião da expulsão, um professor havia faltado e Potí disse que como era representante de classe, como era de fato, aplicaria uma prova aos alunos. Uma prova sobre... Charles Beatman. Eu fui bem. Mas ele foi mal, esse episódio culminou com sua expulsão. E no dia em que deu errado nossa ida à zona, ele foi embora dizendo adeus. Como eu poderia saber que ele falava sério? Será que os outros sabiam disso, do desaparecimento do Potí? E isso significaria alguma coisa? Mais um motivo pra eu continuar a busca. Foi pensando no Potí que continuei a busca. E foi assim que encontrei Tatu.

Tatu era mais próximo de mim até do que os outros. Eu trabalhava com ele na empresa do seu pai. E isso me faz concluir que a memória é uma teia de aranha. Uma linha liga a outra. Lembro de uma coisa que me remete a outra e assim por diante. Lembro que comecei a trabalhar cedo porque meu pai dizia que filho dele não podia ser vagabundo. Só que trabalhar com meu pai era como trabalho escravo. Meu irmão que o diga. Então, o Tatu me avisou que o pai dele estava precisando de office-boy na empresa distribuidora de remédios que ele tinha. Foi meu primeiro emprego. E eu adorava. Não pelo trabalho, mas pela secretária. Eu era louco por ela e me dizia publicamente meio namorado dela, embora ela ainda não soubesse. Mas haveria de saber. Se eu não fosse demitido. Desconfiaram que eu estava desconfiando que a empresa distribuidora de remédios era fachada para a empresa distribuidora de remédios ilícitos. Aos poucos o tempo me afastou do Tatu. Que eu descobri, continua proprietário da empresa distribuidora de remédios, ilícitos ou não. Ele certamente se lembraria daquele dia em questão, foi ele quem deu a ideia de irmos à zona! Bon vivant como sempre, me propôs nos encontrarmos numa festa no sábado a noite para brindarmos aos velhos tempos. Brindemos.

Sábado à noite. Lua no céu. Da rua eu escutava o burburinho vindo do sétimo andar e já no sétimo andar apertei a campainha do apartamento setenta e três. Pra minha surpresa o próprio Tatu atendeu e eu disse, você não mudou nada! Um brinde aos velhos tempos! Brindamos. Mas antes que eu pudesse efetivamente falar sobre os velhos tempos, o Tatu deu uma panorâmica na festa e sorriu vendo as moças semi-nuas dançando ao som de “Macarena”. Me olhou sem tirar o sorriso da cara e disse sirva-se. Eu disse, Tatu, preciso falar com você e ele disse, teremos a noite inteira. Foi pra pista, dançou um pouco e voltou com uma ruiva e uma japonesa. Me apresentou para a japonesa, olá, tudo bem? Prazer! E sumiu num corredor cumprido com a ruiva. Eu preciso falar com você, Tatu! A japonesa submissa me perguntava o que eu queria dela. E eu dizia, eu queria... falar com o Tatu. Num determinado momento ela me perguntou, mas vem cá, quem é o Tatu? Eu disse o Tatu foi o cara que nos apresentou. Quem nos apresentou?, ela perguntou. O Tatu!, eu disse ansioso. Aí ela me apertou os ombros e disse que eu estava tenso. E quando eu ameacei relaxar, ela me tencionou com uma massagem dos pés a cabeça dizendo ser massagem tailandesa. Aproveitando o embalo da cabeça aos pés ela me beijou, e foi aí que me lembrei de Raquel, porém sem culpa. Ela me perguntou lânguida o que mais eu queria dela, podia pedir o que quisesse, e eu disse recuperando o fôlego, eu queria falar com Tatu! Vamos achar a porra do Tatu logo, foi o que ela respondeu. Não sei quantos quartos invadimos atrapalhando rituais dionisíacos incríveis. Com licença, o Tatu está? Oi, o Tatu? Não vou participar agora, mais tarde, antes preciso falar com o Tatu! O Tatu parece se esconder nos buracos. Tatu! Nada do Tatu. A japonesa-tailandêsa-submissa me perguntou se podia ir embora. Eu disse, um beijo! Meio bêbado sentei no primeiro lugar que encontrei disposto a esperar a aparição do Tatu. E acordei com o sol na cara e a faxineira passando aspirador de pó. Por um acaso você aspirou o Tatu?

Por e-mail, enviei a derradeira propaganda da campanha IDENTIDADE. Ao menos uma parte de mim parecia resgatada. A ideia é a seguinte, quero opinião! Um casal se separa. Divisão de bens. Consenso. Coisa moderna. Cada um na sua. O cara tá indo embora, chega a dizer, tô indo, um beijo, e ela que está vendo televisão - a ideia é ver na TV a nossa outra propaganda a anterior, a dos amigos - só faz um sinal pra ele com a mão. Mas ele lembra de algo e diz, esqueci algo! Ele vai até a área de serviço e pega a caixa de sabão em pó. Quando ele está saindo a mulher diz, onde você pensa que vai? Ele diz, eu vou partir. Ela responde, você vai, a caixa fica. Ele diz, isso vai comigo. Ela diz, fica. E eles começam a praticamente lutar pela caixa. Mas a luta os aproxima. Eles se tocam. E acabam se abraçando, abraçados a caixa de sabão em pó. Algo ainda os identifica. Algo ainda os define como casal. Corta pra IDENTIDADE na diagonal e a marca de sabão em pó na horizontal. Essa é a ideia. Quero opinião. Mais do que lembranças de momentos maravilhosos, lua de mel, primeiro beijo e etc, os produtos consumidos pelo casal é o que fica, é o que os vincula, os marca, os identifica. Isso é o que fica pra sempre. Essa é a ideia, no caso, fazer os casais perceberem a importância dos produtos enquanto afirmação de sinergia para a continuidade de um casamento, relacionamento ou namoro. Que tal?

E inspirado nessa ideia que tive, do romance se refazendo pela caixa de sabão em pó, tive uma ideia. Liguei pra Raquel e disse, Raquel, é o seguinte... Preciso passar aí pra lavar as minhas roupas. Ela fez um silêncio daqueles que duram um segundo ou uma vida e disse, volta. E eu... voltei. E fui recebido com um beijo. E percebi que pra me beijar ela ficava na ponta dos pés. E lembrei que a primeira vez que me vi apaixonado por ela, foi ao percebê-la na ponta dos pés pra me beijar. E isso me fez perceber como minha memória estava maluca, porque se por um lado eu não lembrava de tanta coisa, por outro esse beijo na ponta dos pés me fez lembrar de cada beijo que já beijamos. E quando ela desfez o beijo (que pode ter durado um segundo ou uma vida), ela me perguntou, voltou? E eu disse, voltei. Ela me perguntou, acabou a sua busca? E eu disse, acabou. Tudo agora volta ao normal, como era antes. Mas nisso eu a engano e me engano porque nada pode ser como era antes simplesmente porque eu não lembro como era antes. E também porque a busca não acabou de fato. Faltou o Marquinhos. Será que ele saberia responder a verdade sobre minha memória. Será que ele poderia dizer, isso tudo de fato aconteceu, eu lembro, como iria esquecer o dia da morte do meu tio? Ou será que diria, não tenho a menor ideia do que você está falando. O ator da peça do exemplo que eu dei no começo, que se mantém calado, poderia romper o vazio do branco dizendo gente, desculpa, mas me deu um branco... eu não lembro o texto... o personagem... nem mesmo a peça. Por favor, voltem amanhã, amanhã espero lembrar, ou se não puderem voltar amanhã, podem pegar o dinheiro de volta na bilheteria. Quem não pagou e não puder voltar... paciência! Mas não! Ele se mantém calado, apostando que aquela é a ideia, ou esperando um fio da meada, qualquer palavra do texto seria capaz de lhe fazer lembrar o texto inteiro, tal como em um assunto interrompido, uma palavra nos faz recuperar toda a ideia. Essa continuidade dele que é de fato a metáfora com minha vida, mais até do que seu branco. Porque o que faço é continuar. Não me abandonar no vazio dessa minha condição. Nesses lapsos do que fui. Dúvidas de quem sou. Certeza apenas do que não serei. Pelo sim e pelo não, não procuro o Marquinhos. Ele passa a ser o guardião da minha memória mais distante, mais real, mesmo se ficcional. Tornar o que sou não é simplesmente lembrar o que fui. Nem projetar o que serei. Por isso estou aqui, simplesmente tentando ser... o que sou. E o que sou? Essa é a questão nossa de cada dia onde quer que eu esteja. Aqui no meu escritório. Aqui no meu apartamento. Aqui no meio da rua. Aqui em uma praia. Aqui em um palco de teatro. Aqui em um aeroporto. De frente pra esteira de bagagens. Sabendo de onde vim e qual é o meu nome. Sabendo pra onde vou e quando estamos. E por mais que eu saiba responder tudo isso, a pergunta que me vem agora nesse momento, resume todas as minhas questões de vida sobre quem, onde, quando e porque. A questão é QUAL É A MINHA MALA?

FIM